

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA- UFJF

Priscila Thainara De Jesus Da Silva

Luta e resistência no Brasil colonial:

Desconstrução da África para construção da identidade brasileira

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SILVA, Priscila Thainara de Jesus.

Luta e Resistência no Brasil Colonial : Desconstrução da África para a Construção da Identidade Brasileira / Priscila Thainara de Jesus SILVA. – 2017.

48 p.

Orientador: Angelo Alves CARRARA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Educação. 2. África. 3. Cultura. 4. Racismo. I. CARRARA, Angelo Alves, orient. II. Título.

Priscila Thainara De Jesus Da Silva

Luta e resistência no Brasil colonial:

Desconstrução da África para construção da identidade brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de obtenção do grau de Especialista em História da África.

Orientador: Professor Doutor Ângelo Alves Carrara

Juiz de Fora

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

Priscila Thainara De Jesus Da Silva

Luta e resistência no Brasil colonial:

Desconstrução da África para construção da identidade brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de obtenção do grau de Especialista em História da África, pela seguinte banca examinadora:

Professor Doutor Ângelo Alves Carrara

Orientador- Departamento de História da Universidade

Federal de Juiz de Fora- UFJF

Juiz de Fora, 15 de janeiro de 2017.

O Deus que até aqui me ajudou, porque Dele e por Ele, e para Ele são todas as coisas,
A minha irmã Paula que tem sido e sempre foi meu braço direito na conquista dos meus
sonhos.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Ângelo Alves Carrara, pelas coordenadas para a produção desse trabalho.

Ao curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, em caráter da coordenadora Professora Fernanda Thomaz que sem sua iniciativa louvável tudo isso não seria possível.

Ao professor Fernando Lamas que sempre se mostrou pronto para auxílio durante a jornada acadêmica, dedicando e compartilhando seu imenso conhecimento.

Aos meus ilustres colegas de curso que a todo o momento sempre foram prestativos e compreensivos a questão do outro.

Eu aprendi que a coragem não é a ausência do medo, mas o triunfo sobre ele. O homem corajoso não é aquele que não sente medo, mas aquele que conquista por cima do medo.

Nelson Mandela

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é destacar a importância da cultura afro-brasileira como integrante do conteúdo escolar, sendo ministrado de maneira natural e não exótica a fim de que rompa com paradigmas e tabus que ainda se fazem presentes tanto nos bancos escolares como em nossa sociedade. Temos também como objetivo desmistificar o significado de África para que a cultura afro seja reconhecida como fomentadora da identidade Brasileira, analisando o contexto do Brasil colônia onde é perceptível traços da manifestação cultural que originaram a própria cultura brasileira.

Palavras – Chave: Educação, África, Cultura, Racismo.

ABSTRACT

The purpose of this research is to highlight the importance of Afro-Brazilian culture as an integral part of school content, being taught in a natural and non-exotic way in order to break with paradigms and taboos that are still present both in schools and in our society. We also aim to demystify the meaning of Africa so that Afro culture is recognized as fostering the Brazilian identity, analyzing the context of Brazil colony where traces of the cultural manifestation that originated the Brazilian culture itself are perceptible.

Key words: Education, Africa, Culture, Racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Alegoria da África.....	7
Imagem do blog 1.....	8
Imagem do blog 2.....	9
Quadrinho.....	20
Charge.....	20
Gráfico.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	25
---------------	----

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	8
LISTA DE TABELAS	8
PARTE I- APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	1
PARTE II- O MATERIAL DIDÁTICO.....	10
PARTE III- O PORTIFÓLIO	11
2- DELIMITAÇÃO DO TEMA	29
3- PROBLEMATIZAÇÃO.....	30
4- JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL TEÓRICO.....	32
5- OBJETIVOS	38
5-1- OBJETIVO GERAL.....	38
5-2 OBJETIVO ESPECÍFICO 1.....	38
5-3 OBJETIVO ESPECÍFICO 2.....	38
5-4 OBJETIVO ESPECÍFICO 3.....	38
7- ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS.....	39
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

PARTE I- APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

É fato que cada vez mais os professores têm utilizado de sua criatividade para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais atrativo para os alunos. Todavia, essa ação requer transpassar alguns obstáculos e quebrar de determinados paradigmas.

Um dos obstáculos enfrentado pelos docentes é a falta de tempo para realização de pesquisa, pois devido ao cumprimento da longa grade curricular durante o ano o professor muitas das vezes não consegue brecha para a produção de material didático ou, quando produz, o faz de forma rasa sem aprofundamento teórico/metodológico:

[...] Ao se defrontar com os problemas da sala de aula, que são bastante complexos, lança mão dos conhecimentos que possui, de uma maneira original e, muitas vezes, criativa, elaborando sua própria intervenção na sala de aula. Mas esse processo de elaboração do professor ainda é empírico, faltando-lhe uma organização intencional do saber que constrói. A construção do conhecimento requer investigação e sistematização, desenvolvidas com base metódica. (AZZI, 2002, p. 44).

Muitas vezes a própria escola e o processo educacional em si se põem como barreira para que não seja produzido material didático, mas, sim, que seja utilizado o que já existe, ou ainda que tenha como recurso pedagógico principal o livro didático, o que torna o processo de ensino muito pobre. Não que livro didático não seja bom, mas ele por si mesmo não é o suficiente para que os alunos desenvolvam senso crítico e ato reflexivo ou ainda obtenham experiências e vivências.

[...] O livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. [...] (SILVA, 2012, p. 806).

O livro didático ainda tem sido o ator principal como recurso de aprendizagem, e é necessário que toda a comunidade escolar reflita sobre a abertura para novas possibilidades de fontes para serem utilizadas em sala de aula para que haja dinamismo e interatividade entre professor e aluno.

A utilização exclusiva de livros didáticos torna a aula rotineira, mecanizada e o conhecimento cristalizado e dependendo de como o livro está organizado até fragmentado fazendo com que os alunos descrevam as aulas como “chatas”, “cansativas” fazendo com que eles percam interesse pelo aprender ou apenas memorizem aquilo que é preciso para ser aprovado.

Outro conceito que precisa ser repensado é a forma como os alunos são avaliados durante o decorrer do ano letivo, geralmente com provas que exige que os alunos saibam o conteúdo do livro didático por inteiro e a utilização da memorização como o único caminho que nossos alunos encontram. Ou seja, o que ocorre não é aprendizagem, mas sim simples cópias de livros em que os alunos simplesmente não assimilaram nada, só decoraram temporariamente o conhecimento do livro. Por isso é preciso que se usem métodos de avaliação contínua, que não se meça a capacidade de memorizar, mas sim que se potencializem as habilidades dos alunos e que se façam conhecidas suas dificuldades a fim de sanar as dúvidas.

Ao elaborar um material pedagógico antes de tudo é preciso que se leve em consideração alguns aspectos para que o material final atenda as necessidades dos alunos e contemple o conteúdo abordado de maneira satisfatória, que obtenha boa aceitação por parte dos alunos e que converse com as outras disciplinas.

O material pedagógico deve ter como característica a multidisciplinaridade, ou seja, deve conversar com as outras disciplinas para que o aluno possua outros olhares sobre o mesmo assunto e seja capaz de perceber que as disciplinas não são isoladas, mas ao contrário conversam entre si de maneira que se complementam e dão continuidade. A ideia não é que uma disciplina se sobressaia sobre a outra, mas que cooperem entre si e para isso é necessário que os professores trabalhem em equipe, colaborando para que seja manifestado um conteúdo que trabalhe de forma natural, integralizando as disciplinas, de esse modo os alunos poderão aumentar sua percepção e fazer associação entre uma disciplina e outra e ao mesmo tempo irá trabalhar sua capacidade reflexiva.

O recurso pedagógico produzido também deve ser atrativo para o aluno; afinal ele é nosso público alvo: não adianta ter algo muito bom, mas que não desperte o interesse do aluno. Dessa forma, devemos atentar para alguns fatos como, por exemplo, a faixa etária e série para qual ele será utilizado. É muito importante se definir a idade, pois assim o professor terá uma noção do grau de dificuldade de interação dos alunos com o material, qual metodologia irá utilizar para abordar os alunos e em como os alunos irão desenvolver as atividades a partir do mesmo.

É necessário também que se tenha um aporte teórico sobre o material, em que, o professor conte com fontes que amparem e contemplem seu material pedagógico para que sua argumentação seja fundamentada em bases sólidas e que o conhecimento que se queira passar seja muito bem estruturado, tendo como resultado um recurso que possua um corpo muito bem definido e organizado.

O material deve ser utilizado como auxílio no processo de ensino e aprendizagem e não como fonte principal, pois dessa maneira ele irá assumir o papel idêntico do livro didático e será apenas como substituto. É preciso que o professor esteja atento a isso, o material pedagógico é um recurso que assume forma de ferramenta auxiliadora, portanto ele acrescenta conhecimento não substituindo nenhuma forma de ensino, mas sim como complemento para a construção do conhecimento.

Ele não deve ser visto como algo que é novidade, pois as novidades passam. O que quero dizer é que não é apropriado ser utilizado uma única vez e depois esquecido ou deixado de lado; ao contrário, ele deve ser renovado, reapropriado e até reinventado para que o conhecimento nele construído não seja perdido, pois assim ele não será algo construído e depois largado, mas sim algo que pode ser utilizado e reutilizado ao longo do período letivo.

Outra característica primordial é que o material didático deve estar sempre disponível e acessível aos alunos, afinal o material é para eles, então o recurso deve ser disponibilizado aos alunos sempre que for preciso, pois, se não for dessa forma não tem funcionalidade para o mesmo, então professores fiquem atentos a isso, não reprima seus alunos, deixem o recurso à vontade para que eles busquem respostas, investiguem e embaralhem suas mentes, pois dessa forma será trabalhado o conteúdo de maneira natural, em um ambiente acolhedor desenvolvendo as potencialidades dos alunos.

O material didático também deve acompanhar as tecnologias que cada vez mais são presentes no nosso dia a dia, pois devido ao nosso mundo globalizado se torna cada vez maior a explosão de parafernálias tecnológicas e a escola não deve se manter inercie a isso. O material deve contemplar as tecnologias, pois nossos alunos estão cada vez mais adepto ao uso dos mesmos. É muito comum vermos o uso do celular em sala de aula fato que gera muito incômodo para os professores, pois ao invés de o aluno prestar atenção na aula, está conectado em redes sociais, jogando jogos ou trocando mensagens com os colegas. Como o professor com apenas um quadro e giz negro irá competir com isso? Na verdade o professor não precisa competir com nada, apenas é necessário integralizar as tecnologias e trazê-la para a sala de aula.

Porém ao se tratar de levar tecnologia para a sala de aula, os professores se deparam com alguns desafios como a falta de preparação para lidar com tal feito. É muito comum encontrarmos professores que diante de um computador se sentem completamente leigos, não sabendo manusear. Dessa forma, não adianta a escola possuir uma sala de informática, sendo que seus professores não sabem mexer. Diante desse fato é preciso que os professores recebam e busquem se atualizarem para não passar aperto na hora de utilizar essa ferramenta ou qualquer outra, pois o professor deve se manter sempre reciclado buscando aprender a utilizar novas ferramentas para que o ensino se desenvolva de acordo com o meio no qual se está inserido:

“Nós, educadores, temos de nos preparar e preparar nossos alunos para enfrentar exigências desta nova tecnologia, e de todas que estão a sua volta – A TV, o vídeo, a telefonia celular. A informática aplicada à educação tem dimensões mais profundas que não aparecem à primeira vista”. (ALMEIDA, 2000, p. 78)

O professor deve compreender o contexto no qual está inserido e deve buscar atualizações para entender os recursos tecnológicos para que no momento em que for ser utilizado em sala de aula para que a qualidade do ensino seja melhorada abrindo novas possibilidades de instrumentos de aprendizagem:

“A formação do professor é fator imprescindível para que a escola consiga melhorar a capacidade do cidadão comunicante, uma vez que o professor pode adotar em sua prática cotidiana uma postura que subsidia e estimula o aluno a refletir sobre o que significa comunicar-se em nossa sociedade, como também aprender a manipular

tecnicamente as linguagens e a tecnologia.” (CHIAPINNI, 2005, p.278).

É apontada pelas diretrizes do ensino médio e aborda a necessidade do uso das tecnologias em sala de aula para tornar o ambiente e o conhecimento mais dinâmico para que a construção do conhecimento seja dada de forma atrativa e interessante vale ressaltar que apesar da diretriz se referir ao ensino médio isso deve ser fazer valia para toda a trajetória escolar desde que seja adaptada para a faixa etária e série do aluno:

“ “ Concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII – utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011 - Projetos Políticos Pedagógicos/Cap. VIII). ””

É preciso que o professor ao utilizar a tecnologia como ferramenta tome cuidado para que a relação e o desenvolvimento das aulas não fiquem apenas no virtual, devem-se promover seminários, debates para que haja relacionamento e interação entre professor e aluno e entre aluno com aluno para a facilitação pode-se organizar a sala de aula com a carteiras em círculo ou semicírculo desse modo todos veem todos e é muito importante que os alunos os contem o que aprenderam com a tecnologia em sala para que se possa avaliar a funcionalidade do mesmo.

O material didático é algo que ainda precisa ser explorado, pois, infelizmente ainda é muito pouco utilizado devido aos paradigmas que é posto sobre ele e seu uso, mas na sociedade atual é preciso que a educação seja melhorada e renovada para que a necessidade do aluno seja atingida afim de que tenhamos um ensino dinâmico que aproxime o aluno para mais perto e desperte nele o interesse pelo saber.

O professor também deve buscar atualização antes de utilizar qualquer recurso pedagógico para que o mesmo seja aproveitado o máximo e seja evitadas situações de embaraço ou constrangimento por não saber manusear o artigo tecnológico ou usá-lo de forma errônea e a comunidade escolar deve apoiar o professor nessa busca para que ambos trabalhem em conjunto dessa forma será atingido um resultado satisfatório tanto para alunos como para os professores e comunidade.

Nossa proposta de material didático é um blog o qual se denomina Caixa de Lembranças um espaço onde alunos, professores e comunidade poderão inerir e buscar conhecimento sobre Cultura Afro-brasileira e História da África. Será um espaço onde seu conteúdo poderá tornar conhecidas práticas pertencentes a nossa sociedade que muitas das vezes nós mesmos não conhecíamos, e qual foi sua origem, para que se torne pública à da raiz de nossa cultura. Esse espaço também tem por função buscar a interação entre escolas, ou seja, as escolas poderão se comunicar através do blog para se manter abertas ao diálogo e interação. Dessa forma, o espaço escolar, ao invés de ser individual será coletivo. Comprendemos que o ensino em cada escola se dá de maneira diferenciada, pois em cada uma delas temos um tipo determinado de alunos, mas queremos que as escolas busquem integralização. Outra função do blog é servir de auxílio para os professores buscarem fontes e recursos para trabalharem Cultura Afro-brasileira e História da África, pois é conhecido que este assunto é pouco ou nada explorado em sala de aula e grande parte das justificativas sobre isso compreende a dificuldade de se trabalhar devido à escassez de fontes ou falta de conhecimento sobre o assunto to, portanto o blog vem para romper com esse paradigma e traz conhecimentos de origem tanto acadêmica como oral para que haja interação de tal modo que todos participem da construção do conhecimento para que alunos os e comum idade se enxerguem como construtores do conhecimento e agentes da própria história.

Sua aplicação será dada por parte dos professores quando trabalharem o tema proposto, que poderão postar no blog o resultado final para que as outras escolas possam ver, e o mais interessante é que elas façam a mesma atividade para que se possa abrir um debate reflexivo em como a mesma atividade se deu em escolas diferentes, quais resultados obtidos, quais dificuldades enfrentadas e interação e recepção dos alunos os com o mesmo. Outra forma de aplicação se dá ao fato de que não somente a escola postará conteúdo, mas também os alunos, eles poderão publicar comentários e seus conhecimentos prévios que trazem consigo para o espaço escolar, dessa forma seus conhecimentos serão valorizados e acrescidos a um espaço cultural no qual o mesmo poderá se enxergar como construtor do conhecimento e passará pelo ofício do historiador de investigação e pesquisa desenvolve sua capacidade reflexiva e sendo crítico fatores que são determinantes para a construção de cidadão capaz de exercer sua cidadania com autonomia e auxiliará na busca e reconhecimentos de sua identidade. A comunidade também poderá inserir conteúdo, pois é importante a participação dos pais

dos alunos na construção do conhecimento para que o conhecimento não fique restrito somente a comunidade acadêmica abrindo assim espaço para a oralidade e preservação da memória que é característica fundamental da identidade, desse modo terá uma grande interação entre pais, alunos e espaço escolar. É importante salientar que é a escola que possuirá o controle de post de material no blog, pois temos que ter esse cuidado para que conteúdos impróprios ou inadequados sejam postados no blog para que não seja desviada sua utilidade e aplicação. É necessário esse filtro para que assuntos ou conteúdos não desviem o foco e o objetivo e tampouco transforme o espaço em outra coisa que não nos é interessante.

Vale ressaltar que temos a ideia de adaptar o blog para que os deficientes visuais também possam acessar e participar como produtor de conhecimento como foge da nossa alçada, o melhor é consultar um especialista em tecnologia para tornar tal feito possível.

O blog Caixa de Lembranças possui uma imagem de escultura como abertura da página para que o leitor identifique através da imagem qual assunto será abordado e que de imediato provoque um instigamento afim de que desperte a investigação para saber mais.

A escultura foi feita por Zeh Scherzer que se denomina Alegoria da África.



SCHERZER, Zeh. **Alegoria da África.** Manufatura da bavieira, escultura em porcelana, 1920-1930, MAR – Museus de arte do Rio de Janeiro.

preconceito e racismo, uma ótima dica para ser trabalhado em sala de aula, mas professores atentem para a faixa etária da turma, problematização do tema e trabalho

74) s-filme.

Pra quem não é professor também é uma ótima dica, para assistir e refletir em suas práticas enquanto cidadão!

Confira um trecho do filme e abaixo o link do filme completo
https://www.youtube.com/watch?v=3_P-6uis4Q&t=29s



Então bom filme!

O blog possui dicas de trabalhos para que os professores possam realiza-los em sala de aula como essa dica de filme!

O ensino de cultura afro-brasileira nos bancos escolares

76) É muito comum ouvirmos de muitos professores de que ensinar cultura afro-brasileira e por consequência História da cultura é extremamente difícil, seja por falta de material, fontes ou própria preparação para tal feito.

É de suma importância que temáticas como essa, sejam abordadas em sala de aula pois, fazem parte da nossa cultura e consequente faz parte de quem somos, não podemos deixar passar tudo em branco e simplesmente não falar! ou então falar da cultura afro somente em datas comemorativas como o dia da consciência negra.

O post de hoje nos mostra que sim, é possível ensinar sem sair do tão temido conteúdo programático, vamos lá!

História pode-se aproveitar quando for falar da escravidão, por exemplo, pode-se falar das resistências, das atividades culturais que trouxeram consigo, não precisa enfatizar a escravidão em si, mas mostrar o outro

Temos também no blog matérias que abordam o tema, o que acrescenta muito no conhecimento e norteia o trabalho do docente.



Essa é a página inicial do blog, onde temos a descrição do mesmo e alguns dos conteúdos presentes no mesmo.

Como bibliografia de suporte foi utilizada o artigo de Rosiani Carvalho denominado **As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos** que se encontra disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1442-8.pdf>

Artigo de Renata Souza intitulado **O uso das tecnologias na educação** que se encontra na revista *pátio*, novembro de 2008, número 80.

Obra de Flávia Gonçalves denominada **Mídias comunicativas auxiliando a educação**, publicada em 2010 disponíveis no acervo da UFJF.

Artigo de Andréia Bonatto, Caroline Ramos Barros, Rafael Agnoletto Gemeli, Tatiana Bica Lopes **Interdisciplinaridade no ambiente escolar**, disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/>

Artigo de Juarez Silva, **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010

Artigo de Anair Altoó, **Computador na educação e os desafios educacionais**, disponível http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1919_1044.pdf

PARTE II- O MATERIAL DIDÁTICO

Segue o link para acesso do material didático:

<http://identidadeememoria.blogspot.com.br/>

PARTE III- O PORTIFÓLIO

1-1 RESCITA DA CARTA DE INTENÇÃO

CARTA DE INTENÇÕES

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO EM NIVÉL DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA E RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA, NA MODALIDADE PRESENCIAL.

Dados pessoais

*Nome completo: Priscila Thainara De Jesus Da Silva

*E-mail: priscilathainara@rocketmail.com

*Telefones: (32) 8891-9956/8869-6710

Depois de pensar, repensar e pensar de novo em como começaria essa longa jornada dentro de mim, digo longa e jornada porque falar de si mesmo não é tarefa fácil e nem tampouco simples, pois exige que façamos uma viagem dentro de nós mesmos:

“É uma grande tolice o “conhece-te a ti mesmo” da filosofia grega. Não conheceremos nunca nem a nós nem aos outros. Mas não se trata disso. Criar o mundo é menos impossível do que explica-lo.” France, Anatole. **O jardim de epicuro.**

Minha motivação inicial para o ingresso no curso era fazer notar a voz dos que antes foram silenciados, meus amigos, família. Queria que a história deles fosse contada do jeito certo, valorizando a cultura negra e suas contribuições para a cultura brasileira, desmistificando o ser vitimado pela escravidão e tantos outros erros que vi e vivi ao longo da minha trajetória acadêmica e pessoal.

Abro a partir de agora minha caixa de lembranças que há muito tempo não mexia, deixava quieta, no canto mais escondido da minha mente para não se lembrar dos dias amargos que passei no ensino médio, foi uma experiência um tanto desagradável que

preferi deixar no esquecimento, mas que ao receber a proposta de reescrita da carta de intenções, trouxe a tona um turbilhão de sensações.

1º ano do ensino médio, dia quente, animação a mil que duraria muito pouco, eu e minha irmã gêmea chegamos à sala, e mal passamos pela porta e ouvimos uma risada que vinha do fundo, no início não sabíamos o porquê, mas depois de algum tempo descobrimos: o aluno que se achava o tal da turma julgava nosso cabelo feio por ser cacheada ao invés de liso, nossa pele feia por ser parda e não branca como a maioria das meninas da sala, por incrível que pareça às únicas cacheadas da sala éramos nós, o resto se resumia a liso e alisado! E isso tomou uma proporção enorme a ponto de durar os três anos inteiros do ensino médio! Passamos os anos implorando pra acabar logo, pois estávamos cansadas de tantos apelidos ofensivos, xingamentos e outras provocações, é claro que tínhamos vontade de mudar o cabelo pra se encaixar, mas só no fim das aulas que percebemos que não tínhamos nada de errado e sim aquela turma por ser tão ignorante e não compreender a palavra DIVERSIDADE e quantas vezes caímos no mesmo erro? Tudo que é diferente rejeitamos, somos praticamente programados para rejeitar a diferença e aceitar apenas uma única forma como o belo, como o perfeito, o certo, o justo e tantos outros mais. Isso se dá pelo fato de nossa educação ser assim, dentro do molde europeu, com visão sempre etnocêntrica dos fatos sendo repassados anos após anos nas escolas alcançando até as universidades, por isso vi nesse curso da UFJF uma oportunidade de mudança, uma saída, uma porta de escape.

Saindo das amarguras do ensino médio retomo a lembrança do período da faculdade onde conheci meu noivo, e comecei a perceber que as pessoas olhavam muito para nós, até que um dia, estávamos em uma lanchonete e tinha umas pessoas na mesa à frente nos olhando demais até que uma delas veio até nós e perguntou para mim como eu sendo bonita estava com uma cara assim, não entendi a pergunta e pedi para me explicar melhor então à pessoa me disse assim:

-Como você sendo tão bonita pode namorar um cara negão?

Nem preciso dizer o que respondi né? Já dá pra imaginar! Aqui faço uma reflexão, analisando minha situação no ensino médio eu era feia por ter cabelo cacheado e pele parda, agora depois de algum tempo sou bonita demais para me relacionar com uma pessoa negra! Até que ponto a cor de pele é fator determinante de beleza? Quando a cor de pele determina nível de inteligência e soberania? Quando a cor da pele é fator de prioridade para dizer quem está em cima ou embaixo? Diante da resposta dessas e outras questões decidi fazer o curso em especialização em História da África na UFJF, preciso de respostas para entender como chegamos até aqui nesse mundo racista e o que eu enquanto cidadã e educadora posso fazer para contribuir para a desconstrução dessa ideologia antiquada.

Acredito que nossa sociedade é assim, fundamentada nessa ideologia porque lhes falta conhecimento, e como disseminar conhecimento se não há quem ensine? Para tal é preciso de professores qualificados, que tenham preparação específica sobre o tema, para assim dar início ao trabalho de desconstrução, por isso meu grande interesse em

fazer o curso, pois não tem como eu realizar mudança sem as ferramentas necessárias para isso, seria como nadar e morrer na praia!

Depois de tantas ponderações, reflexões, meu motivo para a realização do curso já não é mais o mesmo, agora não o faço somente por amigos e parentes, mas faço por mim mesma, pois após as aulas do curso sou capaz de me perceber como agente dessa história, como personagem da cultura afro-brasileira, eles não estão distantes de mim, somos pertencentes à mesma sociedade, compartilhamos a mesma cultura, bebemos da mesma nação, como pude cometer o erro de achar que isso também não jorrava de mim?

É notável a mudança de pensamento depois do início das aulas do curso, já não sou mais a mesma, minha intenção não é a mesma, e acredito que se for pedido pra fazer uma terceira reescrita da carta também já não irá ser a mesma porque acredito que estamos em constante mudança, ao longo de nossa caminhada vamos agregando valores, adquirindo conhecimentos e vamos nos transformando, é justamente isto que está acontecendo transformação! A Priscila antes do início do curso já não existe mais e está que vos escreve depois do fim do curso provavelmente também não existirá mais, no lugar ficará outra Priscila que todos inclusive eu iremos descobrir.

1-2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Analisar a prática docente não é tarefa simples, pois, exige um olhar holístico sobre o processo educacional ao qual estamos inseridos e compreender sua diversidade de caminhos para os quais somos levados.

O trabalho do professor implica em um grande desafio no qual inclui romper inúmeras vezes paradigmas, tabus, preconceitos e tantos outros conceitos que nos são lançados quando adentramos no âmbito escolar, tornando assim nosso trabalho uma prática de cunho social:

“o saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos, definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de sua carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática.”

Sendo de cunho social cabe a nós professores estagnar esses paradigmas que começam na sociedade em que o aluno está inserido e por falta ou ausência da presença do professor enraíza no aluno que ao final de sua trajetória acadêmica termina por fim de disseminar para seu contexto de inserção tornando-se assim um ciclo-vicioso e deixando nossa sociedade cada vez mais preconceituosa.

Ao refletir sobre minha prática docente, remeto-me a uma situação bastante incômoda na qual o paradigma da vez para ser superado foi o velho racismo, que permeia nossa sociedade brasileira desde o princípio e que perdura até hoje na era contemporânea, eu trabalhava em uma escola do estado onde era professora de apoio de uma aluna especial, e na sala o percentual de alunos negros era relativamente baixo-o que não é surpresa! E um desses alunos era chamado pelos “colegas” de classe (coloco colegas entre aspas porque quem ofende o outro não pode ser chamado de colega!) de diversos apelidos como tsiu, macaco, saci, escuridão, daí por diante, e nenhum dos professores regentes se manifestavam contra nem a favor, ignoravam como se nada estivesse acontecendo e prosseguia a aula naturalmente, mas dava pra perceber que o aluno se sentia incomodado, tentava se defender, mas como não tinha apoio, era em vão, depois de observar esse episódio se repetindo várias e várias vezes, então resolvi me meter, e em um desses momentos disse que se outro aluno comesse a chama-lo por apelidos ofensivos por ele ser branco como, por exemplo “leite azedo, Gasparzinho” se

¹TARDIF, LESSARD, **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2005, p. 14. Editora Vozes.

ele ia gostar, ele é claro se enfureceu e disse que era um absurdo ele ser chingado! Em contrapartida eu disse que era hipocrisia ele querer ser respeitado sendo que não pratica o ato de respeitar sendo que respeito para se conseguir tem que ser recíproco, além de alertá-lo de que ele ao chamar o companheiro de turma de apelidos ofensivos estava praticando bullying que pela lei é crime, fiquei o horário do recreio todo tendo uma conversa com a turma sobre respeito, etnia e diversidade, explicando que não é a cor que nos faz diferente ou superiores, somos iguais o que nos difere é nossa forma de pensar, agir e capacidade de refletir, depois disso e é claro o recreio cortado, ninguém mais ofendeu aquele aluno que por sinal passou a se sentir muito melhor na sala, demonstrando entusiasmo durante as aulas e grande capacidade acadêmica, porém como toda história possui dois lados, um dos professores daquela sala não gostou da minha atitude, dizendo que eu por ser professora de apoio não tinha autoridade para tomar nenhum tipo de decisão sobre a turma, e que ele só não tomou nenhuma atitude porque tinha muito conteúdo para dar a fim de cumprir o programa e não podia ficar parando a aula para resolver brincadeiras de alunos pré-adolescentes, que era apenas uma fase e ia passar... Concordo com o professor de que ia passar, realmente ia passar em branco esse ato de violência, o aluno ia continuar sendo ofendido e talvez nem voltasse para terminar o ano letivo!

Esse fato é apenas a ponta do iceberg que permeia a realidade de nossas escolas, quantos João, Maria e Patrícia não são discriminados devido a sua cor dentro da sala de aula? Quantos professores não ficam em estado de inércia? Enquanto isso os alunos vão sendo diminuídos, tendo como consequência o analfabetismo, pisque² abalada que causa uma impressão tão forte no indivíduo que fica fragilizado e acaba abandonado o espaço escolar e não concluindo seus estudos, causando trauma nesse aluno e tendo como efeito uma pessoa que se sente sempre inferior ao próximo.

O professor deve e pode interferir em situações como essa de forma metodológica planejando aulas que abordem temas como diferença étnico-racial, racismo, corpo humano, identidade negra, não é preciso planejar uma aula mirabolante, dentro do seu próprio conteúdo ele pode abordar esses temas como, por exemplo, em História pode-se aproveitar quando for falar da escravatura, por exemplo, pode-se falar das resistências, das atividades culturais que trouxeram consigo, não precisa enfatizar a escravatura em sim, mas mostrar o outro lado da história puxando para a questão da diversidade, que cada sociedade tem uma cultura diferente, que cada um possui um papel na sociedade de igual importância, e pode levar para a sala de aula uma animação produzida pela TV escola onde demonstra a lei Bill Aberdeen, em português o professor pode passar o poema Navio Negreiro de Castro Alves, em educação física pode ser trabalhado a capoeira, em geografia pode-se trabalhar através de mapas interativos a rota dos trasladados de tráfico negreiro no Brasil presente no site www.slate.com, na matemática pode-se trabalhar através do jogo africano Shisima onde é possível trabalhar geometria, fração, raciocínio lógico, medidas e ângulos, ensino religioso é possível

^{2 2} JUNG. C. G, **A psicologia do inconsciente**. Editora Vozes-1971

trabalhar as religiosidades africanas e sua influência no Brasil, em inglês o professor pode ensinar o inglês sul-africano.

Diante disso percebe-se que é completamente possível o diálogo entre as disciplinas aplicando o conceito de interdisciplinaridade onde na qual segundo Saviani (Saviani, 2003) é indispensável para a implantação de um processo inteligente de construção do currículo de sala de aula informal, realístico e integrado, e podemos utilizar ainda outro conceito como a transdisciplinaridade atuando como ferramenta auxiliadora no processo de ensino/aprendizagem onde não há fragmentação do conteúdo entre uma disciplina e outra como nos mostra Teófilo 2000:

"A transdisciplinaridade como uma forma de ser, saber e abordar, atravessando as fronteiras epistemológicas de cada ciência, praticando o diálogo dos saberes sem perder de vista a diversidade e a preservação da vida no planeta, construindo um texto contextualizado e personalizado de leitura de fenômenos".

São muitos os discursos que os professores utilizam para justificar a dificuldade e a ausência do ensino afro nas escolas, mas como podemos perceber a falta de metodologia não é uma delas, pois é possível ensinar dentro do próprio conteúdo sem deixar nada do programa de fora. Uma das desculpas mais utilizadas é justamente devido ao conteúdo programático que a escola tanto cobra dos professores para que seja cumprido devido ao ano letivo, que aborda assuntos que naturalmente serão cobrados em prova, mas será que esses assuntos são tão importantes que toma o lugar da África nos bancos escolares? É obvio que a resposta desta pergunta é não! Qual é o sentido de se ensinar conteúdos baseados em histórias e acontecimentos de fora anulando os de dentro? Deixo claro que não sou contra o ensino de questões internacionais mais sou contra o ensino brasileiro se apropriar de temáticas estrangeiras abdicando quase que total a nossa história nacional, nosso currículo se baseia mais que 80% em visão etnocêntrica tendo como consequência todas as ações brasileiras pautada nos moldes europeus, o que de fato é um grande erro, pois se a escola tem por finalidade formar cidadãos capazes de exercer sua cidadania com senso crítico e reflexivo, sendo capazes de se perceberem como autores da própria história, os conteúdos deveriam ser voltados para o nacional, pois os conteúdos incorporam conceito cultural afim de que o aluno se aproprie e crie sua identidade, sendo assim o ensino deveria ter como atuante principal os estudos de naipes afro já que nossas raízes estão pautadas no continente africano. Não quero dizer que o currículo deva contemplar somente História da África, mas que deve tê-la em caráter principal, pois o que acontece é justamente ao contrário, o foco está na história europeia e se sobrar tempo à africana quando não é pincelada em datas comemorativas como o dia da consciência negra onde a positividade da África se ascende como algo interessante a partir do conceito de exótico no qual se comete mais um erro, pois, o que se ensina quando se fala na contribuição do negro para nossa cultura é somente os temperos, na mestiçagem, sobre isso Holanda nos alerta:

“O erro de parte considerável dos estudos feitos nos últimos tempos entre nós a respeito da influência do negro parece-me consistir no fato de encararem com demasiada insistência o lado pitoresco, anedótico, folclórico, em outras palavras o aspecto exótico do africanismo (...) [o que] é uma variante apenas mais inteligente do modo tradicional de considerar a questão e que consistia em fazer por esquecer-la ou ignorá-

la. No momento em que a influência do negro deixa de ser coisa pouco confessável para se tornar simplesmente coisa interessante, afastamo-lo naturalmente de nós, sem truculência e sem humilhação, mas com uma curiosidade distante e sobranceira (...). Encarado com atenção científica e benévola nos seus batuques e macumbas, nas suas superstições e religiosidade, nos seus costumes civis e domésticos, nos seus "mores", o negro pode ser ostentado até vaidosamente a estrangeiros. É a maneira de mostrar que também somos diferentes dele, que o encaramos como fenômeno singular e digno de contemplar-se.³ Mas considerado em seus verdadeiros, em seus obscuros motivos, não haveria antes um desvio ou uma substituição do verdadeiro problema? Estudando o negro naquilo em que se distingue minuciosamente de nossa civilização branca e bracarana, naquilo em que deixará de influir sobre ela ou influirá somente de maneira indireta ou negativa e em que a faz, por conseguinte, mais segura de si, mais capacitada de sua distinção, não nos recusou a considerá-lo no que ele é realmente para nós e para a nossa nacionalidade?

O que está faltando para que tenhamos de fato um currículo que atenda as necessidades e que traga a real sensação de pertencimento e identidade, é a comunidade escolar se esforçar mais, para que de fato o ensino abrange conteúdo afro-brasileiro e incorporando História da África nos currículos de forma que não apareça de supetão em datas comemorativas, tornando-se apenas uma lembrança, é claro que isso exige do docente coragem para se impuser, já que enfrentamos na escola barreiras como o racismo institucional e o já mencionado cumprimento do programa, mas se nós que estamos na sala de aula todos os dias, durante o ano todo com os alunos não nos impor quem vai? É preciso arregaçar as mangas e dar um basta no ensino tradicional que cristaliza o conhecimento, mas creio que para isso é preciso que os professores retomem a essência perdida no período de graduação, aquele entusiasmo de educar.

Nossos professores hoje estão desmotivados, desanimados devido às condições de trabalho na qual se encontram: diários a serem preenchidos, avaliações, plano de aula e ainda tem os trabalhos que são feitos em casa como prova, testes, elaboração de atividades, a escola pressionando cada vez mais para conseguir bom resultado em testes como provinha Brasil, olimpíada de matemática, português, do outro lado temos a família cobrando para ensinar o que vai cair em pism, vestibular, violência física e verbal sofrida na sala de aula, é fato que tudo isso influência no desempenho do professor e conseqüentemente na qualidade do ensino que o mesmo irá ofertar em sala de aula:

"A carreira de professor não é atraente e não consegue empolgar a juventude por não oferecer uma perspectiva de futuro que permita ao trabalhador transcorrer o tempo de trabalho com tranquilidade", afirma Roberto Leão, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).⁴

O primeiro passo para transformar nosso currículo é arrumar a casa da educação, oferecendo ao professor salário compatível para que o mesmo não se sinta desmotivado, segundo é dar ao docente ambiente de trabalho na qual ele possa ter autonomia para ensinar em mais diversos métodos e ferramentas sem sofrer violência ou repressão mas que haja liberdade na qual compreenda uma didática onde a oralidade, problematização, reflexão e senso crítico tenham presença, terceiro passo é os professores escolherem

³ HOLANDA, S.B. **Cobra de vidro**. São Paulo-1944.

⁴ <http://www.dw.com/pt/a-dura-realidade-de-ser-professor-no-brasil/a-17367679> acessado em 08/06/2016 às 08h42min

melhor o livro didático que vão usar levando em consideração o conteúdo que eles trazem e incluindo a História da África e cultura afro-brasileira de forma natural nos currículos e não como algo exótico ou lembrança de data comemorativa. O que proponho aqui não é algo milagroso ou distante, é possível de realizar, mas é preciso encarar que até lá exige um caminho a ser percorrido e que se não dermos a largada isso de fato nunca acontecerá.

O que proponho de fato é uma reforma nos currículos escolares e na prática docente para que o professor enquanto educando consiga atingir a subjetividade do aluno, para que o mesmo consiga construir sua identidade, para tal é preciso que o professor tenha uma práxis não engessada no tradicionalismo, tomada de decisões, possuir autocrítica para que o aluno consiga suprir sua necessidade tendo seu desenvolvimento e crescimento pessoal e individualizado para que possa exercer sua cidadania:

“Atividade mental construtiva do aluno na base dos processos de desenvolvimento pessoal que promove a educação escolar. Mediante a realização de aprendizagens significativas, o aluno constrói, modifica, diversifica e coordena seus esquemas, estabelecendo deste modo redes de significado que enriquecem seu conhecimento de mundo físico e social e potencializa seu crescimento pessoal”⁵

O professor deve criar um ambiente na sala de aula onde o aluno se sinta confortável para expor sua subjetividade, colocando-se sempre presente diante de questionamentos pautando sua base na construção identitária levando em consideração a característica individual e social ao qual o aluno pertence. Suprir a subjetividade do aluno de fato é um desafio a ser encarado pelo professor, pois inclui em levar para a sala de aula assuntos como sexualidade, corpo, cor da pele, tipo de cabelo que geralmente são assuntos que geram polêmica justamente por não serem discutidos. Ao se tratar assuntos como esses vários paradigmas e estigmas são quebrados, mas para isso é necessário que o professor se prepare previamente para saber adotar a melhor metodologia para abordar o aluno, e a escola deveria ser parceira do docente auxiliando na formação continuada, assim o professor se mantém sempre atualizado.

A escola tem sido grande barreira em relação à práxis do professor, pois não tem como o docente possuir uma boa prática pedagógica sem a formação continuada e ao invés da escola ajudar, ela cria barreiras, impedindo que o mesmo participe de cursos, exigindo presença em todas as reuniões pedagógicas onde se trata dos mesmos assuntos o ano inteiro! A escola deveria ser a primeira a apoiar o professor na busca por conhecimento, pois um professor bem preparado tem mais a oferecer a comunidade escolar, deixo claro que não sou contra as reuniões pedagógicas, mas não vejo problema em o professor se ausentar de alguma para se especializar em algum curso. É fato que o professor precisa se atualizar para garantir o processo de ensino/aprendizagem de qualidade e que sua formação interfere no pensar e agir em sala de aula é preciso que a escola compreenda que o professor está sempre em processo de formação, pois a cada momento explode novas informações, novas técnicas e se o professor não se apropriar deste mundo moderno ele se perderá como ocorre, por exemplo, com as mídias, é

⁵ COLL, Cesar. **Construtivismo e currículo**. 1992-p 179.

praticamente unânime em todas as escolas vemos professores que não sabem usar data show, não sabe se comportar frente uso do celular em sala de aula, computador e internet e isso se dá por falta de conhecimento e em um mundo tecnológico como o nosso isso é perigoso, pois, o professor corre o risco de perder seu espaço para máquinas, pois a qualquer momento o aluno pode ter acesso a informação mesmo antes de o professor iniciar a aula, o docente não pode deixar que a tecnologia domine o espaço escolar mas sim se apropriar dela para utilizá-la como ferramenta auxiliadora do conhecimento, mas como fazer isso se a escola impede os professores de se atualizarem? Para tal é preciso que a escola compreenda que muito mais do que o professor comparecer a reuniões, cumprir carga horária ele também precisa se aperfeiçoar, quando a escola for capaz de compreender isso, esse paradigma será vencido.

Para todos esses paradigmas serem vencidos é preciso romper de uma vez com o tradicionalismo escolar que apesar deste mundo moderno e tecnológico ainda impera em nossas escolas, vemos grande resistência ao uso de novas práticas, metodologias, práxis, renovação curricular, isto ocorre devido ao pensamento imperante de que o professor é o transmissor total do conhecimento e o aluno deve ser um indivíduo passivo que somente recebe e que o ensino se resume em sumo em apenas memorizar e não problematizar:

“... Atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está ‘adquirindo’ conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico. (Mizukami, 1986. p.11)

Esse tradicionalismo ainda impera em nossa sociedade por alguns acreditarem que esse é um método eficaz para os alunos assimilarem todo o conteúdo proposto e chegar a um vestibular e vomitar todo esse conhecimento memorizado, mas não aprendido, é preciso perceber que a arte de educar não compreende em memorização ou aprovação em concursos, mas sim que o indivíduo seja capaz de desenvolver através dos conteúdos seu senso crítico e reflexivo e que se aproprie do conhecimento para construção da sua identidade, quando essa visão for alcançada teremos um ensino mais contingente com as necessidades dos nossos alunos.

O ensino tradicional não cabe mais em nossa realidade, pois ele não nutre a necessidade de assuntos contemporâneos e de caráter social, pois a única preocupação deste método são os conteúdos oficiais deixando de fora assuntos que não fazem parte do currículo, mas que também são importantes ocasionando como resultado alunos passivos que não possuem condições se sentirem agentes da própria história:

Calvin and Hobbes

by Bill Watterson



6



7

Fica evidentemente claro que precisamos romper com o tradicionalismo em nossas escolas para que o ensino se torne dinâmico, instigante e interessante para nossos alunos que aliado ao uso das tecnologias temos um leque variado de possibilidades e metodologias para trabalhar diversos assuntos.

Pode-se concluir que o professor durante o exercício de sua práxis precisa enfrentar diversos paradigmas e tabus que encontra durante sua jornada e que por muita das vezes a própria escola acaba assumindo lugar de barreira do que de degrau para um nível mais profundo de conhecimento. Percebe-se que para toda essa mudança ocorrer é necessária também a valorização do professor para que parte dele mesmo o ensino qualificado e a busca por melhorias no processo de ensino/aprendizagem.

Conclui-se também que para um ensino de qualidade é preciso urgente de uma reforma nos conteúdos e currículo escolar afim de que compreenda nossa história nacional fazendo-nos perceber a nossas raízes nos solos africanos não como algo de

⁶ Retirado do Google imagens- acessado em 08/06/2016- imagem 579x208

⁷ Retirado do Google imagens- acessado em 09/06/2016- imagem 551x400

exótico em datas comemorativas, mas como características enraizadas que permeiam a construção da nossa própria identidade e cultura que deve ser ministrada durante todo o ano letivo. Se cada instância participante e envolvida no processo educacional fizer a sua parte temos grande chance de mudar o nosso sistema maçante de educar na qual vivemos, para isso é preciso coragem, determinação para que rompamos com o tradicional e tenhamos uma educação voltada para o social e não o econômico assim se pode alcançar uma sociedade igualitária onde as diferenças não são determinantes, mas sim compreendidas.

“A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe de mina, que um filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidente de uma grande nação. ” Nelson ⁸Mandela

⁸ <http://www.citador.pt/frases/a-educacao-e-o-grande-motor-do-desenvolvimento-pe-nelson-mandela-20506> acessado em 08/06/2016 às 11h01min

1-3 PROPOSTA DE MATERIAL PEDAGÓGICO

Recurso Pedagógico:

Passatempo ou aprendizagem?

Essa produção textual tem por objetivo trazer em debate a finalidade dos recursos pedagógicos e sua utilização em sala de aula, discutir qual via possui sua utilização, propor uma atividade alternativa para ser executada em sala de aula e por fim promover uma reflexão sobre o ensino.

Quando se fala em educação logo nos remetemos aos vários problemas que são de via dupla, tanto para alunos como para professores e a falta de materiais ou recursos pedagógicos é um deles.

O professor logo no início do ano letivo se depara com o paradigma de como trabalhar o conteúdo do ano letivo de forma que os alunos compreendam e assimilem, já que tudo que ele tem para trabalhar segundo o que é preconizado tanto para o Estado como para o Município é o livro didático. Não quero aqui de forma alguma desvalorizar a utilização do livro didático em sala de aula, mas creio que é válido utilizar outros recursos pedagógicos em sala para dinamização do ensino.

O processo de ensino/aprendizagem quando fomentado apenas pelo livro didático torna a aula cansativa, o ensino cristalizado e por resultado alunos desinteressados-fato que acontece repetidas vezes nas nossas escolas. Hoje com a tecnologia e o mundo virtual a escola não pode e não deve ficar a mercê da mesma, tem-se que introduzir a tecnologia de modo positivo para a educação afim de que os alunos percebam que a escola acompanha a tal “modernidade” e que é possível o mesmo instrumento utilizado para diversão e relação social pode ser usado para ensinar.

Além da internet e seus recursos, temos outras ferramentas para tornar a aula mais interessante, como fotografias, filmes, músicas, jornais, poemas/poesias, são muitas as fontes que o professor tem e pode usar em sala de aula, porém o problema desta temática não está em qual fonte utilizar, mas sim o porquê de se usar. Uma cena muito comum nas escolas é encontrar os alunos na biblioteca assistindo a algum filme sem amparo do professor que por sua vez passa como atividade fazer um resumo do filme e pronto! Não é assim que se trabalha com filmes em sala de aula, antes de tudo é preciso discutir com os alunos o tema do filme e relaciona-lo ao tema do conteúdo abordado, salientar de que nem sempre os filmes são fiéis aos fatos tais como aconteceram e como atividade não pedir resumo, mas sim provocar o aluno ao ponto de despertar o interesse afim de que se promova um debate para desenvolvimento da reflexão e senso crítico. Esse é apenas um exemplo de como um recurso pedagógico é usado de forma incorreta e acaba deixando de ser recurso para se tornar um passatempo, algo que irá preencher as aulas e nada mais.

Antes de tudo, ao se trabalhar com recurso pedagógico é preciso que o professor estabeleça um objetivo a ser alcançado, não adianta levar para a sala de aula um monte de jogos, filmes ou músicas sem um objetivo pré-estabelecido e ainda mais é preciso que o professor analise sua abordagem e metodologia que irá utilizar para introduzir o recurso pedagógico, ou seja, exige que o mesmo faça um planejamento prévio do que se vai utilizar, não adianta levar para a sala de aula uma fonte sem que os “velhos hábitos” não sejam modificados como nos diz Mazzi (p.26):

“O perigo da TE estaria, justamente, no fato de acenar com promessas e mudanças, obscurecendo as questões essenciais, impedindo que emerjam os problemas substantivos. Distraídos com a possibilidade de reformular métodos e formas de educar, com o fascínio da introdução de novos meios e novas técnicas, os educadores anestesiaram a própria consciência, acreditando-se participantes de um processo de renovação da educação. A ilusão estaria no acreditar que, mudando equipamentos e métodos, todo o resto poderia ficar como está.”

Percebe-se que para se trabalhar com recursos pedagógicos exige uma preparação do professor inclusive que esteja aberto para uma nova visão de metodologia e abordagem, inclusive a interação entre as disciplinas, e é justamente um desses quesitos que a atividade que irei propor tem como objetivo.

A atividade que quero propor traz consigo o tema ‘Caixa das Lembranças’ confesso que pensei e repensei o tema desta atividade várias vezes, e numa profunda investigação cheguei a esse nome. De acordo com o dicionário, lembrança significa:

Recordação; aquilo que está guardado na memória; o que recorda uma experiência já vivida;

A caixa das lembranças será uma atividade em constante construção que será acrescido coisas ao longo de todo ano letivo, e abrange não somente uma determinada série, mas sim todas elas desde o infantil, fundamental, médio e educação de jovens e adultos. A atividade consiste em os alunos seja de qual for à série trazer para a sala de aula objetos de caráter visual, digital ou escrito que seja de origem africana que interferiram nas manifestações culturais do Brasil colônia até a nossa atualidade. Pode ser uma cantiga de roda, dança, música, testemunho dos pais ou avós, filme, história seja em quadrinho ou não, desenho, pintura, fotografia ou até mesmo alguma receita, o tipo físico do objeto não importa, mas sim o valor de memória que ele agrega consigo.

Esses objetos serão discutidos em sala de aula, por exemplo, se alguém trazer a capoeira, o professor de história pode contar como ela foi utilizada em forma de resistência, o professor de educação física pode ensinar aos alunos como dançar, em português pode-se analisar a letra da música, sua gramática, morfologia e sentido, em matemática pode-se ensinar através dos golpes a medida dos ângulos, em física é possível estudar o conceito de força e dinâmica, em geografia pode-se estudar o espaço físico, na arte é possível analisar com os alunos quadros sobre o tema como, por exemplo, o quadro Capoeira, da artista plástica Eliana Zagui, em filosofia pode-se

estudar um conjunto de particularidades e princípios básicos que norteiam a vida prática.

Esse é só um exemplo do estudo que irá ser produzido através da caixa das lembranças, através dos objetos trazidos pelos alunos é possível trabalhar uma infinidade de conceitos sem se desviar do conteúdo programático, desse modo à atividade pode ser executada durante todo o ano letivo. Os alunos se assim desejarem podem trazer os objetos em grupo ou individuais, quem faz o controle da quantidade que cada um irá trazer é o professor. A caixa das lembranças irá ser configurada pela escola e deve ser organizada para que seja acessada a qualquer momento pelos alunos ou professores e sugiro ainda que seja aberta para a comunidade para que tanto comunidade, pais e escola estejam envolvidos no trabalho. Ela ainda pode ser acrescida de objetos em qualquer momento desde que os mesmos sejam discutidos em sala de aula.

Para que essa atividade seja executada, sugiro que a caixa das lembranças seja virtual, uma espécie de blog, pois assim será de baixo custo benefício, poderá abrigar muito material que não se perderá e o mais interessante é que exista uma única caixa das lembranças pois, desse modo poderemos promover a interação com outras escolas, além da comunidade e alunos inserirem material, poderemos abranger outras instituições educacionais, desse modo é possível analisar como a mesma atividade se dá em outras escolas permitindo a troca de experiências entre si.

O mais interessante da caixa das lembranças é que a partir dela, construiremos material cultural que poderá ser visto por qualquer pessoa, basta ela acessar nosso blog para conhecer, o ideal é que se possam deixar mensagens, criar fóruns de discussão acerca do tema para que seja discutido e desconstruído o conceito de África para que seja construída uma visão do que realmente ela é! A história contada não apenas por uma única via.

Acredito que essa atividade seja muito viável, pois, como são os alunos que trarão os objetos, eles se tornarão personagens ativos do processo de construção do conhecimento e poderão compreender através destes objetos questões como identidade, memória e relação social e ainda através da reflexão dos objetos semearam embaralho na mente dos alunos o que não creio ser ruim, mas pelo contrário muito benéfico pois, assim estaremos instigando neles a vontade de investigar, pesquisar, refletir e desenvolver a criticidade para que seja fomentados cidadãos que sejam capazes de exercer sua cidadania com autonomia e identidade.

O objetivo da atividade é trazer a memória um tesouro perdido no período colonial Brasileiro, a cultura afro-brasileira, que desde o Brasil colônia vem sido silenciada, esquecida, ora por racismo, preconceito ou simplesmente o fato de apropriação daquilo que não é seu. Digo isso, pois, aqui no Brasil não temos nada de ‘‘puramente brasileiro’’ devido ao fato de sermos um país miscigenado, e com o passar dos tempos fomos apropriando daquilo que veio da África junto com o povo escravizado e fomos

chamando de nosso e nos esquecendo de todo o processo de luta e resistência que por consequência gerou a cultura afro-brasileira.

Outro tópico ainda dos objetivos é promover a interdisciplinaridade, deste modo todas as disciplinas estariam envolvidas nesta atividade dando continuidade ao processo e não ficando fragmentado, mas acontecerá durante todo o ano letivo. A interdisciplinaridade liga todos os ramos do conhecimento, e esta atividade é uma forma de mostrar que é possível a comunicação entre as disciplinas:

“ A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. BRASIL (1999, p. 89).”

Com esta atividade quero buscar promover o resgate da cultura afro-brasileira no período colonial brasileiro e que permeia até a nossa atualidade, percebe-se que ao trabalhar esse tema nos deparamos com desafios como trabalhar conceitos que diz respeito a racismo, preconceito e identidade por isso antes de executar essa atividade é preciso que o professor se prepare aprofundando-se no tema, que faça uma busca dentro historiografia para compreender o período colonial brasileiro para que se entenda o porquê da intenção desta atividade.

Para melhor compreender a atividade faça um cronograma de como será sua execução:

Objetivos	Avaliação	Período de duração	Série	Conteúdo
Que os alunos sejam capazes de desenvolver senso crítico, reflexão e pontuem conceitos como identidade e memória, racismo e preconceito.	De forma continua renovável, ao longo de todo o ano letivo. Acontecerá de forma que potencialize as habilidades dos alunos e esclareça suas dúvidas.	Todo o ano letivo.	Todos os períodos.	Cultura afro-brasileira; Escravidão no período colonial brasileiro;

1-4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa produção textual tem por objetivo realizar algumas conclusões após essa longa jornada de profunda reflexão que teve um início, porém não terá um fim, porque a transformação acontecerá em vários momentos, e a cada momento se dá de forma diferenciada.

Quando ingressei no curso, confesso que pensei que seria mais um que seguiria toda a estética acadêmica, textos para ler, resenha, provas e todas aquelas metodologias que todos nós já conhecemos bem, todavia me surpreendi ao perceber que não se tratava de exatamente nada daquilo que eu esperava e já estava acostumada a vivenciar enquanto aluna. Pude experimentar uma metodologia completamente libertadora, porque através desse método menos institucionalizado nós alunos ganhamos voz para dizer aquilo pensamos e trazer para a sala de aula nosso conhecimento prévio.

Confesso que no início tive dificuldade a essa nova abordagem, pois estar em um espaço onde você ganha voz e pode falar e participar ativamente é uma situação que me causa estranhamento, pois no mundo da educação isso é uma coisa praticada por poucos que como discente me causa muito incomodo, pois é preciso que os alunos sejam participantes ativos das aulas para serem construtores do conhecimento e da sua própria história.

Mas conforme o curso foi avançando fui me adaptando, me transformando, pois, as aulas me causaram primeiramente estranhamento, depois embaraçamento, reflexão e por fim transformação, esse último estágio a transformação é o último estágio que saio do curso com ele pois, essa transformação não terá fim, antes do curso eu era uma, no meio outra, a Priscila que escreve estas palavras amanhã já não será a mesma pois estará outra, pois essa transformação acontece de forma continua, e a cada processo de mudança algo melhora, e acredito que o objetivo do curso seja esse, melhorias.

Essas melhorias primeiramente acontecem em nós professores a todo o momento fomos instigados a ter coragem e aceitar o desafio de levar para a sala de aula essa temática tão provocadora e até mesmo polêmica como racismo, cultura afro-brasileira, africanidade e história da África. A segunda mudança ocorre nos bancos escolares, interferindo na metodologia e plano político pedagógico que através do uso de novos

tipos de fontes e abordagens mais dinâmicas que endossadas na nossa prática docente juntamente com a história da África que tivemos diversos exemplos ao longo do curso de que é possível se ensinar África dentro do conteúdo programático sem fugir daquilo que é preconizado, ou seja, percebe-se que os argumentos criados para o não ensinamento de África não passa de meras desculpas e que já passou do tempo de nós professores acabarmos com o silêncio.

Percebo que para o ensino obter mudanças significativas está faltando que nós professores realizemos isso, pois os únicos que podem realizar esse feito somos nós e enquanto não sairmos da nossa zona de conforto e nos permitir romper com paradigmas e tabu nada será feito. Está em nossas mãos darmos o primeiro passo para que a mudança ocorra, não estou dizendo de que isso seja uma coisa fácil de fazer e nem tampouco que não serão encontrados pedras no caminho, pelo contrário, com certeza será necessário romper com vários obstáculos pra chegarmos ao nosso alvo. Acredito que o primeiro passo já foi dado ao realizar essa pós-graduação em História da África, agora e dar continuidade ao trabalho nos espaços que nos cercam para que assim não se ocorra mais o perigo de uma única história ou o silêncio de TODA uma história...

Luta e resistência no Brasil Colonial:

Desconstrução da África para construção da identidade brasileira

Resumo

O texto apresenta um certame de questões relacionadas ao período da escravatura no Brasil colonial dos negros e suas contribuições para a fomentação da cultura e identidade brasileira. Em primeiro momento é analisado o contexto histórico da escravatura, em segundo é mostrado os aspectos culturais africanos, em terceiro a adaptação desses traços culturais como forma de resistência e luta e por fim uma análise crítica-reflexiva acerca da africanidade para construção da identidade brasileira.

Palavras-Chave: Escolar, Desconstrução, Educação, Identidade, Escravidão.

Narrativas, Imagens E Sociabilidades.

2- DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema objeto de estudo nessa produção textual é a desconstrução do conceito atribuído à África para construção da identidade brasileira. É de extrema importância que este assunto seja ensinado na educação básica, pois aqui no Brasil encontramos uma ironia, temos um país que leva em seu berço cultural várias misturas de raças e povos, porém temos na nossa atualidade desigualdade social, preconceito e racismo. Infelizmente na História do Brasil temos a inferiorização e escravidão da população negra contribuindo para que algum de nossa sociedade use esse bloco da história como justificativa para distorcer a importância da cultura afro no Brasil e o conceito do que seja a África, sendo necessário realizar uma reflexão crítica para que essa visão negatizada seja estagnada e não mais disseminada nas escolas e que de fato seja reconhecido à contribuição dos negros na cultura brasileira e conseqüentemente na construção do ser brasileiro.

Durante o período de graduação ao cursar a disciplina História da África vivi momentos de inquietação, pois, quando se falava em África era apenas o lado negativo reconhecendo os africanos como um povo sem cultura, sem religião e sem organização política muito semelhante ao que Caminha disse quando chegou às terras brasileiras, daí me efervesceu uma explosão de questionamentos, pois como um continente inteiro não pode possuir organização econômica política e social? É assim como me foi ensinado na faculdade, nos bancos escolares da educação básica acontece exatamente à mesma coisa, vemos algum sinal de fumaça de um professor ou outro tentando mostrar o outro lado da história, mas a retórica é a mesma: falta de fontes! É preciso que esta temática esteja presente nos programas de pós- graduação para que seja pesquisado e um leque de fontes seja produzido, pois, assim teremos suporte teórico científico para que a história tal como ocorresse seja contada nos bancos escolares e que não caminhemos mais pelo perigo de uma única história como nos mostra a Chimamanda Adichie em ocasião do evento Technology, Entertainment and Design (TED) que em suas palavras nos alerta sobre a formulação de estereótipos e distorção de identidades fato que ocorre quando tratamos do período colonial do Brasil quando se aborda o período da escravatura, é montado um estereótipo do negro como aquele indivíduo sem educação, vitimado, exótico, sem cultura e sem capacidade de organização de caráter político-social como é demonstrado pelo Dr. Nina Rodrigues:

“ Depois tocou a vez ao Negro. A extinção da escravidão no Brasil não foi a solução, pacífica ou violenta, de um simples problema econômico. Como a extinção do tráfico, a da escravidão precisou revestir a forma toda sentimental de uma questão de honra e pundonor nacionais, afinada aos reclamos dos mais nobres sentimentos humanitários. Para dar-lhe esta feição impressionante foi necessário ou conveniente emprestar ao Negro a organização psíquica dos povos brancos mais cultos. Deu-se-lhe a supremacia no estoicismo do sofrimento, fez-se dele a vítima consciente da mais clamorosa injustiça social. Em tal emergência podia protestar, debalde, contra estes exageros a História toda, que nos mostra a escravidão como um estádio fatal da civilização dos povos; em vão continuaria a oferecer-lhe tácito desmentido a África inteira, onde a intervenção dos Europeus não conseguiu diminuir sequer a escravidão; sem fruto podia clamar o exemplo dos nossos Negros e Mestiços, livres ou escravizados, que continuavam a adquirir e a possuir escravos. O sentimento nobilíssimo da simpatia e piedade, ampliado nas proporções de uma avalanche enorme na sugestão coletiva de todo um povo, ao Negro havia conferido, exautoridade própria, qualidades, sentimentos, dotes morais ou ideias que ele não tinha que ele não podia ter; e naquela emergência não havia que apelar de tal sentença, pois a

exaltação sentimental não dava tempo nem calma para reflexões e raciocínios...’’

Percebe-se que o que nossa geração ganhou dos achados acadêmicos foi uma visão etnocêntrica dos fatos que perpetua na nossa atualidade se enraizando cada vez mais na sociedade e sendo manifesta como produção de estereótipo, tendo como causa e efeito o racismo social, político e até mesmo institucional que possui como resultado uma sociedade brasileira que nega sua identidade, omite suas raízes e apaga sua história colocando aquela que melhor convém para uma sociedade elitista para se encaixar no molde europeu social abasileirado.

Essa variedade de racismo que encontramos na sociedade brasileira é consequência da forma de como o Brasil colonial foi analisado, pois é justamente nesse contexto histórico que temos o pontapé inicial do racismo, mas o problema não está no fato histórico em si, mas em como ele é ministrado nos bancos escolares tendo uma supervalorização da escravidão ora vitimização dos negros quando realmente se deveria ensinar o fato em si tal como ocorreu, mas relatando também ou outro lado que ninguém conta às lutas e resistências, os traços culturais adaptados pelos negros para que sua cultura sobrevivesse nas terras brasileiras, à fundição e o cruzamento da cultura afro com a brasileira e o resultado da mesma, mas para que tal ocorra é preciso que se realize uma reflexão que atinge os níveis profundos do conhecimento para seja desconstruído o conceito de África construído no período colonial para que através da criticidade seja construído o conceito de africanismo e subsequente identidade brasileira.

3- PROBLEMATIZAÇÃO

Por que estudar cultura afro? A resposta não consiste em apenas dizer que é porque faz parte da história do nosso país, vai muito mais além do que isso. Antes de tudo, não basta apenas estudar, mas sim analisar, pesquisar de forma crítica a temática.

Ao longo da jornada da nossa história, percebe-se que nossa história é contada partindo do pressuposto europeu na qual os negros são claramente inferiorizados sob o pretexto e justificativa do racismo. Infelizmente o que se tem vivenciado nas escolas hoje em dia é que essa parte é ministrada com descaso, quando o professor aborda o tema escravidão, somente diz respeito aos aspectos negativos da África e anula totalmente o fato de que os mesmos contribuíram para a formação da nossa cultura então a resposta d pergunta acima consiste no pressuposto de que se deve estudar cultura afro e relações étnicos racial porque elas nos auxiliam a construir nossa nação, nossa identidade e nosso Brasil brasileiro.

Faz-se necessário a compreensão da cultura afra na educação básica porque a população negra faz parte da nossa sociedade, também são nossa gente, e por isso o ensino era defasado e deficiente sendo necessário a implementação da lei 10.639 que alterou o currículo, visto que realmente o ensino possuía deficiência, pois a mesma valorizava os padrões europeus e não o brasileiro, não tem como construir nossa identidade

sem conhecer nosso povo. Essa alteração no currículo escolar trouxe muito, mas que novos conhecimentos,

trouxe mudança de mentalidade, na qual pode-se hoje ter valorização da nossa cultura e reconhecimento do povo negro e da cultura afro como sendo nossa, parte do Brasil, das nossas raízes. José Luiz de Oliveira e Maria Lúcia Monteiro Guimarães, no livro *Introdução Conceitual para a Educação em Relações Étnico-Raciais*, afirmam que:

“O Brasil é o país que mais recebeu escravos africanos, por isso a cultura desses povos está tão próxima de nós quanto a história de Portugal ou da Europa. Nossa ancestralidade encontra raízes na história da África. Temos conexões profundas com os povos africanos” e que “estudar a história da África nos parece uma obrigação, pois, a partir daí, poderemos ir ao encontro de nossas raízes”

Portanto se faz necessário não somente estudar a cultura afro, mas sim entendê-la, só assim compreenderemos a formação do Brasil e a origem da cultura que tanto permeia nossa atualidade.

Primeiramente o tema será apresentado aos alunos, para que a problematização ocorra de maneira confortável, e respeite a delimitação do tema e contexto histórico. Nesse momento durante a introdução os alunos serão levados a refletirem sobre a questão do outro e a posição do negro em nossa sociedade no período colonial, a partir desse momento de reflexão será aberta uma discussão sobre os motivos que nortearam e justificaram grosso modo a escravidão, no qual os alunos terão que refletir se esses motivos são ou não justificáveis, se essas justificativas ainda perduram na nossa sociedade atual e se a posição do negro mudou ou permanece. Assim de maneira confortável os alunos terão espaço para falarem sobre seus conhecimentos prévios, sua opinião – nesse ponto será observado com muita cautela, pois é preciso que todos os pontos de vista sejam respeitados. É claro que surgiram opiniões divergentes o que é uma ótima possibilidade dos alunos desenvolverem senso crítico, o saber ouvir e respeito, características claras para um bom debate. Dessa forma consigo resgatar o conhecimento prévio dos alunos, introduzo o tema de forma leve, criando-se assim um contexto e reafirmando a justificativa da importância do estudo do tema.

Num segundo momento irei lançar indagações aos alunos como: Quais contribuições do negro para nosso país? Aspectos da cultura afro? Elementos da cultura afro que estão no nosso dia-a-dia? Essas são apenas algumas, pois tenho uma variedade delas. O objetivo de se fazer esses questionamentos é que os alunos desenvolvam a capacidade de refletir e que seja despertado o espírito do desafio e através de seus conhecimentos prévios de se sentirem mobilizados a tentar responder as questões, formulando hipóteses nas quais provavelmente até ao término do projeto serão construídas e desconstruídas.

A problematização do tema ocorrerá não somente no início da aula, mas a todo tempo, ou seja, serão sempre realizados momentos e atividades nas quais estimulem o pensamento, senso crítico, reflexão e que os alunos se sintam desafiados e encorajados a exporem sua visão de mundo para que assim seja construído o conhecimento histórico

escolar. É de extrema importância que os alunos tenham voz ativa durante todo o processo, pois assim será possível conquistar o objetivo do projeto.

O principal método de problematização que será utilizado compreende as indagações e debates que ocorrerão durante toda a aula, sempre introduzidos em atividades que irão propiciar o momento adequado para tal, por isso as atividades foram pensadas para que estimulem a criticidade e reflexão dos alunos. Vale ressaltar que todos os questionamentos lançados aos alunos serão respondidos, não de maneira corretiva, como verdade absoluta, mas sim com intuito de que as respostas sejam construídas de maneira coletiva, ou seja, junto, a partir dos conhecimentos prévios dos alunos assim como também o embasamento teórico levado para a sala de aula, assim a construção do conhecimento e o processo de ensino/aprendizagem se dará de forma conjunta onde alunos e professor são participantes de forma ativa.

4- JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL TEÓRICO

Essa produção textual tem por objetivo salientar a importância do estudo do tema proposto Relações Étnico-Raciais dando enfoque para a Cultura Afro-Brasileira.

Através da pesquisa dessa temática os alunos da educação básica poderão conquistar ao longo da jornada características como capacidade de reflexão, senso crítico e agentes construtores da história. Poderão também construir conceitos como cidadania e identidade.

Acostumados a tecer desde muito cedo os moldes europeus esquecemo-nos da nossa própria cultura, fazendo com que nossa identidade ficasse perdida no meio caminho, restando-nos apenas traços do que é um Brasil brasileiro. Digo isso porque ao tentar copiar o modelo europeu o Brasil tentou negar suas raízes, fazendo com que um povo que é responsável por grande porção da nossa cultura fosse inferiorizado e porque não massacrado pelos ideais europeus, não digo que total parcela de culpa seja dos europeus, também é nossa, de nós mesmos que permitimos que isso acontecesse.

Segundo Schwartz e Lockhart em seu livro a América latina na época colonial no Brasil colonial antes da mão escrava africana temos a mão escrava indígena que devido a questões multifatoriais não eram mais bem sucedidas à coroa Portuguesa. Essas questões incluíam grande resistência, alta taxa de mortalidade e oposição dos jesuítas a escravidão tornou a mão escrava indígena inviável no momento de ascensão açucareira na qual o Brasil passava. Neste cenário entra a mão escrava africana, mas antes disso Portugal já utilizava os negros como escravos fora questão de tempo para trazê-los para o Brasil:

“ Na época do desembarque de Cabral no Brasil, Portugal já levava escravos africanos para a Península e para a Madeira há quase sessenta anos, e desenvolvera técnicas e instituições para cuidar deste comércio. Essas instituições incluíam os fortes comerciais de Aixim e São Jorge de Minas e uma casa de alfândega e registro em Lisboa (Casa dos Escravos). Não surpreende então que os portugueses tentassem usar mão-de-obra africana também no Brasil quando este começou a desenvolver-se como colônia açucareira.”

Os primeiros escravos que chegaram ao Brasil desempenhavam o papel de criados pessoais ou marinheiros nas primeiras expedições, sem registro de sua presença. No período posterior a 1560 tem-se o início do tráfico negreiro para fornecer mão-de-obra suficiente para atender as demandas do Brasil.

Os motivos que levaram à preferência a mão-de-obra escrava segundo Schwartz e Lockhart foram:

“ Ao examinarmos as razões gerais a opção pela mão-de-obra africana na indústria do açúcar temos, de um lado, o forte fator de precedência na Península e ao largo da África e, de outro, as dificuldades comprovadas e crescentes com a mão-de-obra indígena, que já enumeramos. No mundo inteiro houve tendência a preferir para escravo um indivíduo totalmente estranho, porque ele está isolado de sua própria sociedade e sem nenhuma conexão independente com a nova terra, ficando assim menos capaz de fugir e resistir, mais aberto ao aprendizado de novas habilidades. ”

Percebe-se que os negros foram trazidos para o Brasil inteiramente para satisfazer a necessidade comercial que o Brasil demandava no momento e pior ainda, tinha-se a acreditação e porque não a ilusão de que separando o povo de sua terra natal perderiam sua cultura afro e assim em consequência sua identidade ficando apito para o trabalho servil. O que fundamentou essa linha de pensamento neste contexto histórico foi à questão do outro, o choque cultural provocado pelo encontro de duas culturas distintas, fazendo com que o resto do mundo se sentissem superiores em relação aos africanos simplesmente pela diferença de vestir, pensar que foi considerada inferior e atrasada servido de justificativa para estabelecer relação de colonizador e colonizado, senhor e escravo ao invés de ser humano e ser humano. Mas nossa história nos mostra ao contrário, os negros tanto insistiram que resistiram a todo o momento para que sua cultura fosse contínua e permanecesse viva, como fruto desse penoso trabalho a cultura afro faz parte da nossa própria.

A cultura compreende um “conjunto de sistemas simbólicos, de códigos que, de uma forma ou de outra, prescrevem ou limitam a conduta humana” (REIS, 1992, p. 66). Os primeiros traços de cultura afros aqui no Brasil veem no período da escravatura onde se foi desenvolvidos a Capoeira, como metodologia de defesa contra o trabalho escravo, imposição do catolicismo e língua portuguesa então passou a praticar a luta tradicional do sul de Angola nos terrenos de mata mais ralos conhecidos como "capoeiras" (termo que vem do tupi *kapu'era*, que significa "mata que foi", se referindo aos trechos de mata que eram queimados ou cortados para abrir terreno para plantações dos índios). A capoeira tem seus gestos inspirados em animais, rituais e costumes africanos nos quais

se utiliza golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando primariamente chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas, cotoveladas, acrobacias em solo ou aéreas.

A capoeira foi muito perseguida pelas autoridades, chegando, em 1890, a ser considerada como crime previsto pelo código penal tendo, portanto sua prática proibida, mas nem assim foram deixados, os escravos para disfarçarem incorporaram a capoeira gingados, fazendo com que a luta assumisse caráter de arte. Diante dessa proibição houve estranhamento constante por parte de capoeiras e da polícia, registrada em canções:

“Não estudei pra ser padre

Nem também pra ser doutor

Estudei a capoeira pra bater no inspetor” (Domínio Público)

“Vamos jogar capoeira, enquanto a polícia não vem

Mas quando a polícia chegar quebra a polícia também” (D.P)

“Sentado ao pé da cruz quando a polícia lhe seguia, desapareceu enquanto o tenente dizia, cadê o besouro chamado cordão de ouro” (Mestre Fanho)

“Tem um cabra lá na praça batendo no teu soldado, capitão saiu correndo, tenente tá desmaiado” (Mestre Toni Vargas)

“E nem mesmo a polícia podia nada fazer, pois se ficassem frente a frente, colega velho era certo alguém morrer” (Mestre Mão Branca)

“O seu moço chefe de polícia mandou avisar que ele não quer mais zueira, não quer capoeira do lado de cá... o menino você trouxe o recado também vai levar, diga ao chefe de polícia que na capoeira ele não vai mandar”

(Mestre Toni Vargas)

Era tão intensa a vontade de repressão contra essa arte que se foi criada uma lei para sua proibição:

Lei imposta aos capoeiras em 11 de outubro de 1890

“DOS VADIOS E CAPOEIRAS” Artigo 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor, ou algum mal: Pena: de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único - É considerada circunstância agravante, pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Artigo 403 - No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena do artigo 400, pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ - 2º Seminário - Ano 2008 Página - 53 em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Parágrafo único - Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir pena.

Artigo 404 - Se nesses exercícios de “capoeiragem” perpetrar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranquilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

Tal foi à resistência negra para manter sua cultura, que seu trabalho deu frutos e a capoeira hoje representa e difunde nossa língua, cultura e país nos cinco continentes e estão presente em escolas, universidades, cinema, teatro e televisão, além de ser registrada pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira. Milhões de indivíduos de diversas faixas etárias e nacionalidades praticam capoeira atualmente, e este número é cada vez mais crescente. Hoje na nossa atualidade é muito comum a prática da capoeira, a encontramos sendo ensinada em vários ambientes, mas será que todos que a praticam sabem sua origem? a classificam como brasileira ou como africana? É de suma importância o papel da escola para que seja ensinado, que através da História é perceptível ver que a capoeira é um pouco das duas coisas, é africana por ter sido trazida da Angola e brasileira por ter assumido caráter de arte durante as resistências, por isso é importante que a escola dissemine o conhecimento para que se faça reconhecido a participação do povo negro na construção da nossa cultura.

Outra contribuição da cultura afro para a construção da brasileira foi na área da culinária que teve de ser adaptada devido à falta de condições e nos retornamos novamente ao período da escravatura onde as mulheres negras ficavam responsáveis pela cozinha, como durante o tráfico negreiro não puderam trazer nada devido às péssimas condições de viagem, tiveram que adaptar sua culinária original incluindo ingredientes como, por exemplo, na falta do inhame, usaram a mandioca; carentes das pimentas africanas, usaram e abusaram do azeite-de-dendê, que já conheciam da África (as primeiras árvores vieram no começo do século 16). Adeptos da caça incorporaram à sua dieta os animais a que tinham acesso: tatus, lagartos, cutias, capivaras, preás e

caranguejos, preparados nas senzalas. Essa adaptação deu origem à culinária afro-brasileira criando-se pratos como abará, aberém, aluá, quibebe, acarajé. As comidas afro são encontradas em vários pontos do Brasil, sendo apreciadas por grande parte da população brasileira. Percebe-se que mesmo apesar dos negros terem enfrentado tanta resistência, ainda hoje encontramos traços de sua cultura que contribuíram de forma ativa para a construção de nossa cultura. A

E a contribuição dos negros para a nossa cultura não para por aí, se estende até a artes, na área da música, quando ouvimos rádio seja na hora do almoço para relaxar e de repente toca reggae da banda chimarruts por exemplo, sem que muitas das vezes as pessoas saibam é um traço da cultura afro entrando em nossas casas. O reggae é de origem da Jamaica e suas letras falam de questões sociais. Foi na região norte do Brasil que o reggae entrou com mais força. No estado do Maranhão, principalmente na capital São Luís, é comum a organização de festas ao som de reggae. Na década de 1970, músicos como Gilberto Gil e Jorge Ben Jor são influenciados pelo estilo musical jamaicano. Na década de 1980, é a vez do rock se unir ao gênero da Jamaica, nas letras do grupo Paralamas do Sucesso. Na década de 1990, surgem vários músicos e bandas. Podemos citar como exemplo: Cidade Negra, Alma D'Jem, Tribo de Jah, Nativus.

Na África, há muitas religiões diferentes. Antes de vir para cá, cada um seguia a religião de sua família, clã, ou grupo. Mas quando chegaram aqui, os escravos foram separados de seus parentes e pessoas próximas. Por isso, passaram a se reunir com pessoas de outras etnias para realizarem os cultos secretamente. Para que todos pudessem participar, essas reuniões eram uma mistura de cada religião, com rituais e cultura unida e partilhada. Daí surgiu o Candomblé. A crença nasceu na Bahia e tem sido sinônimo de tradições religiosas afro-brasileiras em geral. A Umbanda, que também tem origens africanas, une práticas de várias religiões, inclusive a Católica. Ela se originou no Rio de Janeiro, no início do século 20.

Apesar de esses traços culturais terem se manifestado no período da escravidão e a mesma ter encontrado grande resistência contra sua permanência vemos e vivemos na nossa atualidade todos os dias com ela seja na área das artes, religião ou culinária e é inegável que de fato os negros que foram tão desrespeitados pelo nosso povo foram um pilar importante para a construção da nossa cultura.

É de grande valia e importância que a temática proposta seja estudada e pesquisada na educação básica porque a cultura afro ajudou de forma ativa e permanente na construção da nossa identidade, digo permanente porque a cultura afro foi capaz de atravessar anos de escravidão, lutas e resistências e permanece fiel na nossa atualidade.

Hoje temos como consequência dos incansáveis movimentos dos negros uma mudança na mentalidade que teve sua abertura na década de 70 como já citada acima que perdurou até os dias de hoje, tanto que diversos setores apresentaram ao congresso o pedido de uma lei que valorizasse o ensino da cultura afro:

“ O pouco caso com a cultura africana se reflete na sala de aula. O segundo maior continente do planeta aparece em livros didáticos somente quando o tema

é escravidão, deixando capenga a noção de diversidade de nosso povo e minimizando a importância dos afrodescendentes.” (GENTILE, 2005, p. 42).

Tanto que como resultado desta luta houve a criação da Lei Federal Nº. 10.639/03 as quais propõem na educação um trabalho com mais ênfase a questão do negro no Brasil:

“Art. 26-A da Lei acima citada diz que é obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”.

É sem dúvida de que a escola é responsável pela disseminação da importância da cultura afro para nossa identidade, pois é dentro do âmbito escolar que será rompido com o paradigma que nos foi ensinado de que os negros são inferiores, que sua utilidade está somente no trabalho braçal, e através da pesquisa da temática proposta que é possível mostrar aos alunos que os negros foram verdadeiros pedreiros da nossa cultura, reforço isso ao longo da produção textual para reafirmar de que os negros tem seu espaço no nosso Brasil, mas não na condição de escravos, mas sim como agentes produtores da História, da nossa história, da nossa identidade, é exatamente este contexto que o estudo da temática tem como um dos principais objetivos, de que se acabem o racismo e que seja reconhecido em fim de que todos são iguais e que temos direito de ter nossa especificidade respeitada, isso significa que temos que dar mérito ao povo negro pela construção da nossa identidade.

O estudo deste tema é essencial, pois, é dentro da escola que a construção do caráter começa, é na escola onde ocorre troca de conhecimento e até mesmo afeto, é dentro do ambiente escolar que paradigmas podem ser rompidos como preconceito, racismo, inferiorização.

Por meio da escola é que temos a possibilidade de trabalhar a questão do outro, e justamente esse tema em questão é a porta de entrada para que seja ministrados e trabalhados conceitos de humanização, inclusão e identidade.

O estudo e pesquisa das Relações Étnico Racial na educação básica permite que a cultura afro seja valorizada e reconhecida como peça fundamental da construção da nossa cultura, por meio dela os alunos poderão refletir em como nossa nação é constituída e entender como o povo brasileiro se formou, e entender características da nossa cultura que por sua vez encontra suas raízes fincadas na cultura afro que permeia a nossa atualidade.

Está mais do que na hora do pensamento negativo sobre a África cair por terra, analisando a cultura afro fica nítido de que a África é muito mais do que um país de miséria, fome e doenças pelo contrário é um país rico, cheio de cultura.

Os negros por muito tempo foram considerados como seres ignorantes e atrasados, sendo sempre inferiorizados e desvalorizados, acredito que esse pensamento é errôneo, pois é exatamente ao contrário, os negros são dotados de características especiais, pois foram capazes de sustentar a economia brasileira e ainda construir nossa cultura, não é à toa que é considerado o berço da humanidade.

Por fim, o tema deve ser estudado é analisado na educação básica, pois o conhecimento revelado por ele será um caminho trilhado para a construção de uma sociedade identitária, autônoma e libertadora.

5- OBJETIVOS

5-1- OBJETIVO GERAL

Mostrar de forma clara que é imprescindível o estudo de História da África e cultura afro-brasileira nos bancos escolares já que a mesma possui papel definidor para a construção de identidade e memória brasileira.

5-2 OBJETIVO ESPECÍFICO 1

Apontar os problemas enfrentados devido à omissão do tema objeto de estudo e suas consequências em nossa sociedade, tendo como resultado racismo e preconceito.

5-3 OBJETIVO ESPECÍFICO 2

Constituir o ensino de cultura afro brasileira e História da África nos espaços escolares como algo naturalmente pertencente a nossa grade curricular deixando de lado o adjetivo de exótico.

5-4 OBJETIVO ESPECÍFICO 3

Identificar semelhanças e diferenças nos conceitos de cidadania, democracia que se instaurou desde a antiguidade comparando com a atualidade, compreender representações no contexto da sociedade e da cultura, perceber a contribuição da cultura afro para a cultura brasileira, reconhecendo-a como formadora da nossa própria cultura;

7- ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Nosso objetivo com essa análise, não expor a negatividade do livro didático, nem tampouco diminuir seu valor como recurso pedagógico, mas, sim encontrar repostas através de uma via reflexiva para que se possa ser melhorado afim de que promova integralidade dos conteúdos e senso crítico nos alunos abordando temas que são integrantes de nossa sociedade enquanto caráter identitária e do mundo.

Ao olharmos primeiramente para os livros em conjunto com a grade curricular é perceptível que os livros não comportam interatividade, dinamismo e multidisciplinaridade, percebe-se também que o método de como a disciplina História é ensinado nas escolas é preocupante, pois os fatos históricos são ministrados de maneira generalizada, os currículos e programas são direcionados somente a um fato histórico o que conseqüentemente assume um valor relativo ao ensino. Na relação educação e história vemos que existem falhas como nas referências teórico-metodológicas que muitas das vezes são contraditórias, referências essas que são pertencente ao período contemporâneo o que torna o ensino de História fragilizado e enfraquecido. Percebe-se que o livro didático é um “vilão” no que diz respeito ao ensino de memória nas escolas tornando o trabalho do professor dificultoso, pois os livros que, aliás, passam pela PNLD acaba por obscurecer a memória devido ao fato de secundarizar o mesmo, obtendo desarmonia entre o texto de fundamento e exercícios e até mesmo anulando esse tema e infelizmente isso ocorre em grande parte das coleções de livros selecionadas pelo PNLD para se trabalhar em sala de aula. Já no manual do professor o que temos são apenas referências bibliográficas que se baseiam em autores que discutem a temática memória. Ainda nos livros vemos que o ensino de história fica fragmentado de um livro a outro na continuação do ensino ao longo dos anos de escolarização, pois não apresentam continuidade tendo como consequência ruptura no processo de ensino/aprendizagem da memória que acaba por ficar cristalizado prejudicando o aluno que fica com um ensino estagnado. Temos ainda nos livros a ausência de distinção do que é História e do que é memória, nos poucos livros em que esse tema é trabalhado esses dois conceitos são tratados como sinônimos, isso se dá ao fato dos impressos

possuírem uma abordagem tradicional. Na verdade são dois campos do saber distintos, mas que se aproximam e se auxiliam na busca pela compreensão do passado. Enquanto memória se fala em certezas a História se constitui através da análise do passado, dando abertura a dúvidas e críticas. É preciso atentar para esses dois conceitos, pois História e memória não possui o mesmo significado, mas nem por isso são objetos isolados um do outro, eles possuem distinções entre si, mas se aproximam na construção do passado, pois um lembra o passado e o outro escreve sobre ele. Quando não temos a ausência da distinção entre História e memórias têm apenas uma descrição desses conceitos nos livros didáticos e que não explanam, não ampliam sua significância com atividades que sejam capazes dar uma extensão ao tema.

É importante fazer uma ressalva, pois, o livro didático é uma ferramenta auxiliadora na construção do conhecimento, ele tem aspectos positivos, não quero dizer que o livro seja ruim, ou os autores sejam ruins é muito perceptível que os autores tenham certo cuidado ao produzir os impressos devido ao critério do PNLD que acaba por excluir obras segundas determinadas critérios, esses “defeitos” de conceitos e fragmentação do conhecimento pode-se atribuir uma parcela ao PNDL que deveria rever seus conceitos e critérios avaliativos para se produzir impressos com uma qualidade melhor para que tanto professor e alunos possam ter um processo de ensino/aprendizagem de qualidade, eficácia e eficiência.

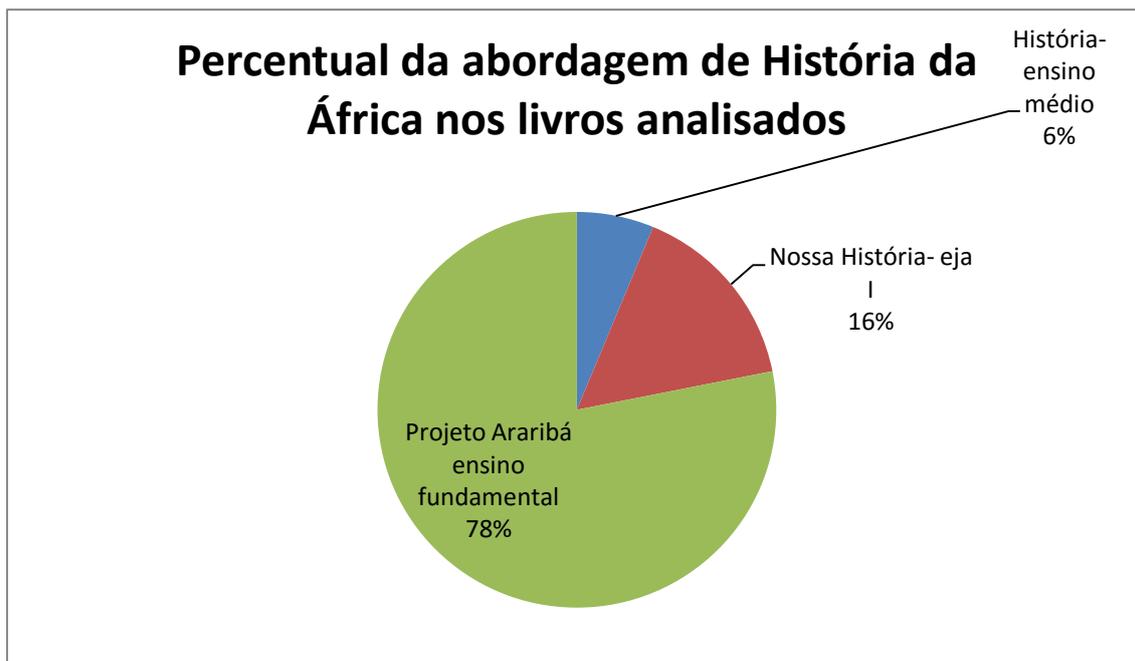
O primeiro livro analisado é História, para o ensino médio de vários autores utilizado em escola estadual no Curitiba, Paraná. O livro contém um sumário no qual são apresentados VI eixos temáticos que incluem em si temas agrupados como relações de poder, relações culturais e relações de trabalho. Durante todo o sumário do livro só encontramos apenas essas temáticas, não contendo nenhuma outra questão, ou seja, possui apenas um conteúdo estruturante. O livro traz como primeiro tema a ser abordado o trabalho escravo, todavia não é trabalhado o conceito em si, o tema tomou uma proporção restrita à relação de trabalho e não cultural ou social, preocupando-se em apenas destacar que no período da escravatura não se tinha salário e faz comparação que hoje tem. É muito preocupante e decepcionante ao analisar um livro didático perceber que um conteúdo tão importante para a nossa sociedade brasileira não é explorado e tratado da maneira de deveria ser abordado, os autores desse livro se preocuparam com o aspecto econômico dando total ênfase a relação de trabalho anulando as relações de cultura, identidade e memória. O livro é pobre em imagens, nesse capítulo ele traz

somente uma imagem de operários em uma fábrica, e uma imagem de Karl Max porque traz um pouco da sua teoria de relação de trabalho, mas lembrando de que o título do capítulo é trabalho escravo e em nenhum momento o capítulo traz nenhuma imagem ou pintura em relação a isso e além do mais nem na imagem dos operários temos a presença de negros é somente dos brancos. No capítulo IV é citado o trabalho escravo dos negros e indígenas, mas os autores ressaltam com grande louvor que alguns eram trabalhadores livres, como assim livres? Eles não recebiam salários, não tinham para onde ir, creio que nem podemos utilizar a denominação que os autores usaram, pois, trabalhador segundo o dicionário é aquele que gosta de trabalhar e livre é aquele que não é sujeito a domínio, independente, que não sofre restrições, então não acredito que os autores foram felizes ao denominarem os escravos de trabalhadores livres porque é muito difícil de acreditar que eles gostavam de trabalhar e apanhar e ainda não tinham independência nenhuma, pois se a tivessem não estariam na condição de escravos. Ainda no capítulo IV encontramos várias pinturas mostrando escravos, mas nenhuma atividade que promova a reflexão acerca do tema, elas são ‘jogadas’ umas em cima das outras assumindo forma de ilustração e não reflexão. Diante dessa análise é possível concluir que somente no capítulo I e IV é tratado o tema escravatura, mas somente do perfil econômico que a todo o momento tenta demonstrar que apesar de terem sido escravizados havia aqueles que eram livres e que na nossa atualidade a situação melhorou porque agora o trabalho é assalariado, há total omissão das lutas e resistências que houve no período da escravatura e anulação de conceitos como memória e identidade.

O segundo livro em análise é do EJA – fase I também de uma escola do estado em Curitiba, Paraná denominado Nossa História, o livro possui uma espécie de tópicos onde os conteúdos são agrupados e são pequenos com textos curtos e de fácil linguagem. Dento desses tópicos temos um que se denomina Identidade, mas ele apresenta apenas um pequeno texto corrido, não menciona a origem da sociedade brasileira e da onde veio nossos traços culturais, mas no tópico Homens e Mulheres temos como exemplo uma mulher negra que mudou a história de seu povo no período da mineração, traz também uma atividade contendo várias perguntas sobre o texto e o mais interessante e que contém um Box no qual faz relação do texto com questões como diversidade, cultura e lutas e resistências o negativo é que isso poderia ser abordado como um tópico a mais no livro e não como um Box. No tópico Tradições temos como

uma das ilustrações introdutórias negros jogando capoeira, mas surpreendentemente não encontramos nenhuma referência sobre a capoeira somente movimentos que são considerados tradicionais no Brasil como festa junina, o ato de fazer simpatias, é incomum se colocar a imagem como tema de abertura do tópico e no seu desenvolvimento não ter absolutamente nada sobre a imagem, vejo aqui um desperdício pois a capoeira foi uma demonstração de luta e resistência no período da escravidão portanto ela deveria ser contemplada e trabalhada já que os autores optaram por fazer alusão dela no início do tópico. Em sumo o livro faz uma pequena pincelada sobre o período da escravidão e cultura afro-brasileira, percebe-se aqui uma tentativa muito tímida de anunciar à temática, mas é somente isso, pois são outros conteúdos que ganham destaque no livro.

Já no livro Projeto Araribá denominado Vontade de saber- história voltada para a 6ª série do ensino fundamental vê uma organização dos conteúdos de modo que integralizam a história do Brasil com a história geral de modo que o conhecimento não fique fragmentado, mas sim com a ideia de continuidade. O livro está organizado em capítulos que possuem atividades, atividades complementares, imagens e dicas de outras ferramentas como filmes, pinturas e documentários. Encontramos no capítulo 1 dois tópicos reservados para a História da África já no livro para o 7ª ano temos um capítulo sobre Reinos e Impérios Africanos e o tema escravidão tanto negra como indígena é abordado no capítulo sobre colonização portuguesa, no 8ª ano temos um capítulo muito interessante sobre a África no século XIX no qual os alunos podem perceber as continuidades e rupturas do continente e já no livro do 9ª ano temos o capítulo sobre as Independências em África, pode-se perceber que o autor trabalha de forma muito interessante, pois ao longo da caminhada o assunto é abordado com mais profundidade, ou seja, conforme o aluno vai avançando nos estudos o tema se torna mais amplo exigindo do mesmo uma capacidade reflexiva maior que creio que não seja problema já que o tema avança junto com sua potencialidade, o ponto negativo é que para esse trabalho em história da África e cultura afro-brasileira ser desenvolvido de maneira completa é parecido que os professores trabalhem com o mesmo livro ao longo do ensino fundamental, ou seja, não se pode tocar de livro, pois, pode ocorrer de um novo livro não abordar o tema de maneira eficaz fazendo com que o conteúdo seja perdido e fragmentado.



Depois da análise nesse gráfico é possível ver um balanço dos livros didáticos, onde o projeto Araribá se torna a melhor opção desde que seja usado de forma contínua durante todo o ensino fundamental. O que denominamos de situação problema é o fato de que ainda nós docentes nos deparamos com a problemática dos livros didáticos não atenderem por completo a necessidade do público alvo: os alunos, eles de alguma forma deixam espaços, buracos que não são preenchidos dificultando a prática docente.

Após análise de livros didáticos de diferentes séries é possível concluir que ainda não temos materiais didáticos estruturados de maneira satisfatória que abordem cultura afro-brasileira ou História da África, pois alguns apenas dão uma pequena pincelada sem contextualizar, outros apenas lançam o assunto, mas não traz discussão e nem tampouco promove reflexão e senso crítico.

É fato de que precisamos uma reforma nos livros didáticos e também nas exigências da PNLD, pois é a cargo dela de que os professores e autores se sujeitam tanto na fomentação como na escolha do livro didático quando essa reforma ocorrer terão de fato livros que atendam a nossa demanda cultural, social e nossos alunos através desses novos livros poderão se perceber como agentes da própria história e compreender e reconhecer sua identidade.

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.unioeste.br/travessias/CULTURA/O%20CHOQUE%20CULTURAL.pdf>

Acessado em 7/12/2015 às 08h00min

periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/download/.../3992

Acessado em 7//2015 às 09h00min

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200009

Acessado em 7/01/2016 às 10h51min

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte, 2000. Editora Autentica.

SCHWARTZ, Stuar B.LOCKHART, James. **A América latina na época colonial**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 2002.

RODRIGUES Nina. **Os africanos no Brasil**. Online Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2010, 303 p. isbn: 978-85-7982-010-6. Available from scielo books <http://books.scielo.org>

Acessado em 09/10/2016 às 14h: 00min

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Evento Technology, Entertainment and design (TED). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>

Acessado em 20/10/2016 às 15h: 00min

Revista Afro Ásia

Disponível em www.afroasia.ufba.br/

Acessado em 29/10/2016 às 17h: 00min

ALMEIDA, Fabiana Rodrigues; MIRANDA, Sonia Regina de. Memória e História em livros didáticos de História: o PNLD em perspectiva. **Educ. rev.**, dez 2012, nº. 46, p.259-283. ISSN 0104-4060

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/historia.pdf

Acessado em 03/01/2017 às 08h44min

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/eja_fase1prof.pdf

Acessado em 03/01/2017 às 09h43min

<http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/8813-guia-pnld-2017>

Acessado em 03/01/2017 às 10h5min

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.35-60.

SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil, Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012. Disponível em: . Acesso em 10 mai. 2014.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011. Projetos Políticos Pedagógicos/ Cap: VIII (Pág. 38). Equipe Técnica do DPEM/ NETO, Alípio dos Santos; LAZZARI, Maria de Lourdes; QUEIROZ, Maria Eveline Pinheiro Villar de; AMARAL, Marlúcia Delfi no; ARAÚJO, Mirna França da Silva de; NETO, Pedro Tomaz de Oliveira.

ALMEIDA, Maria Elizabeth de; ProInfo: Informática e Formação de Professores – Vol. 1; Brasília: MEC/ Secretaria de Educação à Distância –, 2000.

CHIAPINNI, L. A reinvenção da catedral. São Paulo: Cortez, 2005

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0DiVksXHZ4YC&oi=fnd&pg=PA7&dq=tecnologia+na+sala+de+aua&ots=t3IOlnbexW&sig=fhHAtP3YtsHNuBDDb1psoXTtz0M#v=onepage&q=tecnologia%20na%20sala%20de%20aua&f=false>

Acessado em 24/09/2106 às 13h00min

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/2926/2093>

Acessado em 24/09/2016 às 15h00min

<http://www.capoeiratorino.it/historia.htm>

Acessado em 24/09/2016 às 16 h00min

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>

Acessado em 24/09/2016 às 17h00min

